

TRABALHAR COM PACIENTES ALCOOLISTAS: satisfação de enfermeiros de hospital geral^a

Divane de VARGAS^b
Renata Curi LABATE^c

RESUMO

Trata-se de um estudo psicométrico, realizado com 171 enfermeiros de um hospital geral do interior do estado de São Paulo, objetivando verificar a satisfação desses profissionais em trabalhar com alcoolistas. Os resultados indicaram sentimentos de embaraço e desconforto dos enfermeiros ao trabalhar com pessoas que têm problemas com a bebida, em que 70% dos sujeitos indicaram que não trabalham bem com pacientes alcoolistas, 80% preferem não trabalhar e 60% têm dificuldade em falar sobre o problema com seus pacientes. Os autores apontam o treinamento em serviço como estratégia para o melhor enfrentamento da questão.

Descritores: Satisfação no emprego. Relações enfermeiro-paciente. Alcoolismo.

RESUMEN

Es un estudio psicométrico, realizado con 171 enfermeros de un hospital general del interior del estado de São Paulo, Brasil, con el objetivo de verificar la satisfacción de estos profesionales en trabajar con alcohólicos. Los resultados indicaron sentimientos de turbación y molestia de los enfermeros al trabajar con personas que tienen problemas con la bebida. 70% de los sujetos indicaron que no trabajan bien con pacientes alcohólicos, 80% prefieren no trabajar con estos pacientes y 60% tienen dificultades en hablar sobre el problema con sus pacientes. Los autores apuntan el entrenamiento en servicio como estrategia para el mejor enfrentamiento de la cuestión.

Descriptores: Satisfacción en el trabajo. Relaciones enfermero-paciente. Alcoholismo.

Título: Trabajar con pacientes alcohólicos: satisfacción de los enfermeros en un hospital general.

ABSTRACT

It is about a psychometric study involving 171 nurses at a general hospital in the inland of São Paulo state, Brazil, and aimed at verifying these professionals' satisfaction upon working with alcoholics. The results have indicated the nurses' feelings of confusion and discomfort upon working with people who have alcohol problems. 70% of the studied subjects have indicated that they do not work well with alcoholic patients, 80% prefer not working with them and 60% face difficulties to talk about the problem with their patients. The authors suggest in site training as a strategy to better face this issue.

Descriptors: Job satisfaction. Nurse-patient relations. Alcoholism.

Title: Working with alcoholic patients: satisfaction of nurses at a general hospital.

^a Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado: Atitudes de enfermeiros de hospital geral frente ao paciente alcoolista. Apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

^b Doutor em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

^c Professora. Doutora do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

1 INTRODUÇÃO

Os reflexos do uso do álcool são bem conhecidos e discutidos na literatura, sendo que os problemas ocasionados pelo seu uso não se restringem aos que geralmente são divulgados. Suas conseqüências fazem parte da saúde do indivíduo, envolvendo aspectos médicos, sociais, familiares, psicológicos e legais. Esse fato tem justificado a crescente preocupação de autoridades de saúde do mundo inteiro, tendo em vista que o alcoolismo hoje constitui-se um relevante problema de saúde pública⁽¹⁾.

As conseqüências do uso do álcool, no que se refere à saúde, têm levado a um aumento cada vez maior de pacientes alcoolistas nos serviços de atendimento, quer sejam hospitalares ou não. No período compreendido entre 1988 e 1999, o álcool representou 84% de todas as internações psiquiátricas por dependência, no Brasil⁽²⁾. Tal fato leva a pressupor que os enfermeiros dos serviços de saúde estão cada vez mais, atuando junto a essa população, quer seja prestando assistência direta a esses pacientes, quer coordenando a assistência a eles prestada.

Diante dessa situação, pareceu oportuno investigar as atitudes de enfermeiros frente ao paciente alcoolista, especificamente no que se refere à satisfação desses profissionais em trabalhar com esses clientes.

Vários estudos têm abordado a questão da satisfação no trabalho, sendo que a mesma é descrita pelos estudiosos sob duas óticas: uma é a que concebe satisfação como uma atitude geral, expressa pelo trabalhador em relação a sua atividade, e outra que concebe o construto Satisfação sob uma perspectiva multidimensional, considerando as várias facetas do trabalho.

Avaliar questões que envolvem a satisfação no trabalho, no entanto, não parece ser tarefa fácil. Essa complexidade decorre de muitos fatores que influenciam o comportamento de cada indivíduo. Dentre esses fato-

res, estariam aqueles ligados à própria pessoa, tais como: necessidades, expectativas, experiências anteriores, valores e fatores culturais. De outro lado, estariam os fatores ligados à instituição e aos seus integrantes, como: regras, tipo de trabalho, conceito da empresa na comunidade, relacionamento interpessoal, aceitação grupal e valorização, dentre outros⁽³⁾.

Buscando na literatura conceitos de satisfação no trabalho, encontramos que a mesma pode ser definida como um estado emocional agradável ou produtivo que resultou da avaliação de algum trabalho ou de experiências no trabalho⁽⁴⁾.

A satisfação no trabalho pode ser definida, ainda, como uma avaliação periódica que cada indivíduo faz de sua realização, de seus valores, necessidades, experiências, preferências e expectativas profissionais⁽⁵⁾.

A satisfação consiste num sentimento afetivo que o indivíduo expressa em relação ao trabalho nas diferentes facetas⁽⁶⁾.

É possível dizer que, atualmente não existe um consenso sobre o significado de satisfação, embora exista uma certa concordância entre a maioria dos autores sobre a definição de satisfação^(4,5,7), entendida como uma orientação positiva em relação ao trabalho, baseada na congruência entre a percepção do trabalhador sobre a situação do trabalho, ao longo de uma variedade de dimensões, e o valor que atribui ao próprio trabalho dentro da mesma⁽⁶⁾.

Pode-se dizer que a questão da satisfação no trabalho constitui-se em tema complexo, e essa complexidade é decorrente dos múltiplos aspectos que influenciam o comportamento do indivíduo, bem como das várias facetas que envolvem o próprio ambiente de trabalho.

Cabe ressaltar, no entanto, que não aprofundaremos a discussão sobre essa temática, tendo em vista que ela não se constitui no tema central deste estudo. Considerando a definição de que satisfação é uma atitude,

uma emoção, ou um sentimento, que pode ser verbalizado e medido através de uma opinião, do tipo: “gosto de trabalhar com esse tipo de clientela”⁽⁵⁾, mediu-se, através de uma escala de atitudes, a satisfação de 171 enfermeiros, no que se refere à satisfação pessoal e profissional em trabalhar com pacientes alcoolistas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo psicométrico, cuja investigação foi fundamentada na mensuração de comportamentos, para verificar as atitudes dos enfermeiros de um hospital geral no que se refere à satisfação pessoal e profissional em trabalhar com pacientes alcoolistas.

Utilizou-se, como instrumento de mensuração, o *The Seaman Mannello Nurse's attitudes toward alcohol and alcoholism Scale*⁽⁸⁾. Ele é composto por 30 itens, divididos em cinco

subescalas e um instrumento específico para mensurar atitudes de enfermeiros frente ao álcool e ao alcoolismo. O estudo aqui apresentado refere-se à subescala II do referido instrumento que trata da satisfação pessoal e profissional em trabalhar com alcoolistas.

Cada um dos seis itens que compõem a subescala II (Quadro) pôde ser respondido por meio de uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos⁽⁹⁾: 1. Discordo totalmente, 2. Discordo, 3. Não concordo nem discordo, 4. Concordo e 5. Concordo totalmente.

Para apresentação dos dados, agrupamos as respostas favoráveis, concordo e concordo totalmente em Concordo. As respostas intermediárias aos itens foram mantidas Não Concordo Nem Discordo e as respostas desfavoráveis discordo e discordo totalmente em Discordo. Assim, os resultados são apresentados com a soma percentual das posições favoráveis e desfavoráveis e consideram somente três opções de resposta.

SUBESCALA II: Satisfação pessoal e profissional em trabalhar com alcoolistas

01. Eu sinto que trabalho melhor com pacientes alcoolistas.
02. Eu prefiro trabalhar com pacientes alcoolistas a trabalhar com outros pacientes.
03. Os alcoolistas merecem um lugar no hospital, assim como qualquer outro paciente.
04. Eu não acho que meus pacientes ficariam nervosos, se eu discutisse com eles seus excessos de bebida.
05. Eu me sinto confortável, quando trabalho com alcoolistas.
06. Eu não fico embaraçado, ao falar com alcoolistas.

Quadro: Distribuição dos itens que compõem a subescala II: satisfação pessoal e profissional em trabalhar com alcoolistas. Ribeirão Preto, SP, 2001.

O estudo foi realizado numa instituição hospitalar de grande porte do interior do estado de São Paulo. A população estudada foi composta por 171 enfermeiros que trabalhavam, no momento da coleta de dados, no período compreendido entre 12 de setembro e 20 de outubro de 2000, nas unidades de assistência do referido hospital.

Os escores obtidos foram interpretados de acordo com o proposto pelas autoras do instrumento⁽⁸⁾, as quais atribuem significados para escores altos e escores baixos que podem ser obtidos em cada uma das subescalas do instrumento.

Cabe ressaltar que, em conformidade com a Resolução 196/96, este estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisas do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e teve seguimento após aprovação do mesmo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir, serão apresentados os seis itens componentes da Subescala II, já listados no Quadro.

3.1 Eu sinto que trabalhar melhor com pacientes alcoolistas

Com relação a trabalhar melhor com pacientes alcoolistas do que com outros tipos de pacientes, quase metade da população (46,5%) indicou que não o fazem, enquanto 29,4% responderam em categorias intermediárias, ou seja, não concordaram nem discordaram do item. Apenas dois enfermeiros, num contingente de 171, afirmaram que trabalham melhor com pacientes alcoolistas do que com outros pacientes.

Tal achado pode indicar que esses enfermeiros não se sentem preparados para trabalhar com essa clientela, isso se deve, muitas vezes à falta de conhecimento do profissional com relação ao problema do alcoolismo^(10,11).

Dados de uma pesquisa realizada com estudantes de enfermagem mostraram que os mesmos estavam menos dispostos a trabalhar com alcoolistas do que com pessoas fisicamente debilitadas⁽¹²⁾.

Sabe-se que a etiologia do alcoolismo é multifatorial, ou seja, existe uma conjunção de fatores biológicos, psicológicos e sociais que, agindo concomitantemente, determina a dependência. Frente a isso, na maioria das vezes, talvez, seja difícil para os profissionais de saúde compreenderem a mescla de fatores interatuantes que se fazem presentes no alcoolismo como doença.

Durante a formação acadêmica dos profissionais da saúde, aprende-se que as doenças são causadas por microorganismos, malformações e disfunções e até por distúrbios afetivos, mas é muito difícil aceitar um conjunto de fatores ímpares como desencadeadores de uma doença⁽⁹⁾.

Uma vez que não tenham clareza sobre a etiologia do alcoolismo, por exemplo, os enfermeiros podem sentir-se despreparados para atuar com estes pacientes, pois o fato de possuírem pouco preparo para atuar fren-

te a esta patologia pode gerar insatisfação no profissional, quando em contato com pacientes alcoolistas, os quais são pouco conhecidos.

3.2 Eu prefiro trabalhar com pacientes alcoolistas a trabalhar com outros pacientes

Em relação ao item que mede a preferência para trabalhar com alcoolistas, nenhum enfermeiro expressou preferência em trabalhar com esses pacientes, revelando categorias predominantemente desfavoráveis. Assim 80% dos enfermeiros preferem não trabalhar com esses pacientes, enquanto os outros 20% colocaram-se em categorias intermediárias, nem a favor, nem contra o item.

Em um estudo⁽¹³⁾ que levantou os principais motivos que levam o aluno do último ano do curso de enfermagem a aceitar ou rejeitar o paciente alcoolista, foi encontrado que, na concepção da maioria dos estudantes, os alcoolistas são chatos, irritantes, nojentos, são enganadores, falsos e mentirosos. Não desejam realmente se recuperar, são inconseqüentes e irresponsáveis, são covardes, não lutam por si, não assumem o tratamento e exigem mais que os outros pacientes⁽¹³⁾.

A análise dos dados da pesquisa concluiu ainda que, entre as patologias psiquiátricas, o alcoolismo é a das mais rejeitadas. Sendo que as idéias preconceituosas permanecem em relação ao alcoolismo, gerando sentimentos negativos no aluno durante a relação de ajuda⁽¹³⁾.

Em um outro estudo, constatou-se que os estudantes de enfermagem preferiam trabalhar com pacientes dependentes e comunicativos⁽¹⁴⁾. Talvez a insatisfação em trabalhar com alcoolistas esteja no fato de sua **independência**, que na maioria das vezes resulta de um dos mais comuns mecanismos de defesa do alcoolista, a negação da doença.

Para alguns autores “a negação é provavelmente o mais significativo fator que está entre o alcoolista e a pessoa que faz a abordagem. Tem as mais variadas formas, que vão desde minimizar a severidade dos problemas até a autopiedade”^(15:35).

O mecanismo de negação, muitas vezes, apresenta-se sob a forma de recusa do cuidado, bem como do tratamento, pois, se não se considera um doente, é provável que o alcoolista não aceite o cuidado oferecido. Além disso, o mecanismo de racionalização que consiste em minimizar os problemas ocasionados pelo álcool e a projeção da responsabilidade pelo comportamento abusivo, mecanismos comuns neste tipo de paciente, podem levar o enfermeiro a interpretar tais comportamentos como recusa da ajuda e, conseqüentemente, independência em relação ao profissional.

Uma outra razão que pode ser apontada para que os enfermeiros não prefiram trabalhar com alcoolistas talvez esteja no preconceito que envolve o alcoolismo e suas complicações, que podem ser vistos como uma fraqueza moral e não como uma doença crônica que, quando tratada, pode ser controlada tal como, por exemplo, a hipertensão arterial e a diabetes melitus⁽⁹⁾.

3.3 Eu me sinto confortável, quando trabalho com alcoolistas

Ao responderem o item que mede sentimentos de conforto e bem-estar ao trabalhar com essa clientela, 50% dos enfermeiros discordaram, mostrando que sentem-se incomodados frente a essa situação.

Outro fator que pode influenciar a insatisfação desse profissional em trabalhar com pacientes alcoolistas talvez resida no fato de que esses pacientes possuam características que, geralmente, irritam e afastam o profissional. Como já mencionado anteriormente, são comuns nesses pacientes mecanismos de defesa como a negação, a racio-

nalização e a projeção. Tais mecanismos podem não ser identificados pelo profissional como característicos desta doença, sendo que este fato pode resultar num distanciamento entre o enfermeiro e o paciente, por serem os alcoolistas considerados pacientes de difícil manejo. A tarefa mais difícil, no manejo com o alcoolista, é fazê-lo entender e reconhecer-se como uma pessoa doente, que necessita de ajuda para parar de beber⁽¹⁵⁾. Uma vez que o profissional não conheça esses mecanismos, pode ver nessa atitude, conforme dito anteriormente, como uma recusa da ajuda oferecida, e ou, uma auto-suficiência, o que poderia causar desconforto no enfermeiro, preparado para ajudar sempre, em qualquer situação. Este resultado converge com os dados levantados na literatura em que encontrou-se que os enfermeiros sentem-se mais à vontade quando trabalham com pacientes dependentes⁽¹²⁾.

Ao se aproximar do alcoolista para oferecer ajuda, o enfermeiro pode ter consigo a expectativa de alcançar seus objetivos, principalmente no que se refere à adesão ao tratamento e à colaboração com a equipe. Uma vez que isso não ocorra de imediato, essa atitude pode ser interpretada por esse profissional como uma resistência à ajuda e isso levaria, além do distanciamento, à insatisfação do enfermeiro ao realizar esse trabalho.

As expectativas do indivíduo são responsáveis pela satisfação, ou seja, a expectativa que o indivíduo tem a respeito de algo e o que ele realmente consegue. Se o indivíduo espera algo agradável e isso ocorre, ele geralmente fica satisfeito e, se o resultado falha, ele se insatisfaz. Se o sujeito espera algo negativo, ele poderá criar defesas para diminuir o desapontamento que, como ele esperava, acabaria por vivenciar⁽⁶⁾. Essas defesas poderiam aparecer, nesse caso, como sentimentos de desconforto e descrédito frente ao alcoolista.

3.4 Eu não acho que meus pacientes ficariam nervosos, se eu discutisse com eles seus excessos de bebida

Quase metade dos enfermeiros do estudo acredita que seus pacientes ficariam irritados (45%), se eles abordassem assuntos referentes a seu hábito de beber.

Muitas vezes, o profissional tem dificuldade e evita abordar o caso com o paciente, ou prefere trabalhar a questão de modo superficial, mesmo percebendo que o paciente apresenta problemas com o álcool⁽⁹⁾. Pode-se dizer que a dificuldade na abordagem, e muitas vezes, a não-valorização do problema do alcoolismo pelos profissionais de saúde, de uma maneira geral, estejam relacionadas a duas questões já mencionadas neste estudo, a primeira se refere aos próprios mecanismos de defesa do alcoolista, ou seja, negação, racionalização e projeção que acabam por dificultar o contato com o paciente, e a segunda pode estar relacionada ao pouco preparo destes profissionais para atuação frente à problemática do uso e abuso do álcool.

Quando o profissional se depara com tal problemática, tem tendência à rejeição e até a negação inconsciente. Talvez como própria proteção, o profissional apresenta dificuldade para falar desse assunto, porque é provável que isso mostre preconceitos dos técnicos, com os assuntos álcool e alcoolismo, sentindo-o como transgressor e vergonhoso⁽⁹⁾.

Uma vez existindo problemas, nos profissionais da equipe, para abordagem do assunto, com seus pacientes, a assistência a eles prestada pode não ser eficiente. Talvez essa dificuldade, em falar sobre o problema com o paciente alcoolista, ocorra porque, na maioria das vezes, o profissional não disponha de preparo técnico suficiente para lidar com toda a complexidade de fatores envolvidos com o uso abusivo de álcool⁽¹⁶⁾.

3.5 Os alcoolistas merecem um lugar no hospital assim como qualquer outro paciente

Os dados apresentados na introdução deste estudo revelam que a presença de alcoolistas nos serviços de saúde é bastante frequente. Estudos, investigando a demanda de alcoolistas no âmbito hospitalar, constataram taxas que variam de 9,1% a 35%^(16,17).

No item que avaliou a atitude dos enfermeiros com relação à presença do alcoolista dentro do hospital, os enfermeiros deste estudo foram quase unânimes (94%), concordando com a idéia de que o alcoolista merece internação e cuidados no hospital, como qualquer outro paciente. Essa constatação é considerada positiva, se compararmos com achados sobre a mesma questão em outros estudos.

Estudo realizado com pessoal de enfermagem de um hospital geral encontrou que, para esses profissionais, na maioria das vezes, o paciente alcoolista não é visto como um doente igual aos demais. A visão que se tem desse indivíduo é a de um indivíduo aproveitador e sem caráter, que, quando chega à emergência alcoolizado, tem consciência dos seus atos, sendo assim não merece ser atendido naquele espaço⁽¹⁸⁾.

Estudo sobre o alcoolismo e o ensino de enfermagem encontrou que, para a maioria dos sujeitos, o alcoolista é alguém que está incomodando, está no local errado, deveria estar sendo atendido na psiquiatria. O local de atendimento geral não é lugar para atender alcoolistas, e sim, para atender outros pacientes⁽¹⁹⁾.

A formação dos profissionais de saúde não vem recebendo informações e treinamentos suficientes sobre dependências de um modo geral, fato que pode contribuir para o aumento do preconceito, do estereótipo negativo e do sentimento de inadequação em lidar com esse problema⁽¹³⁾. Isso pode levar

o profissional a transferir o tratamento do indivíduo a um outro local que por sua vez não seja o hospital geral.

3.6 Eu não fico embaraçado, ao falar com alcoolistas, e me sinto confortável

A comunicação terapêutica constitui-se num valioso instrumento para o enfermeiro desempenhar melhor suas atividades e proporcionar aos usuários dos serviços de enfermagem uma melhor qualidade de assistência⁽²⁰⁾.

No item referente a ficar embaraçado ao falar com alcoolistas, 57% dos enfermeiros informaram que sim, sentem-se embaraçados. Tal fato poderia ser explicado pela própria representação que a sociedade tem do alcoolista e que, por extensão, afeta também os profissionais de saúde, ou seja, uma representação sobre o humor do alcoolista, que é sempre de que se trata de uma pessoa agressiva e descontrolada⁽¹⁹⁾. Essa representação pode levar o enfermeiro a sentir-se embaraçado ao falar com o paciente, talvez por temer reações agressivas, o que impede, muitas vezes, a interação entre o profissional e o indivíduo alcoolista, não existindo uma comunicação efetiva entre eles. Essa situação perpetua a imagem que se tem do alcoolista, de que se trata de um paciente que **perturba e agride**.

Observa-se que: “o mais elaborado dos tipos de interação é o terapêutico. A interação terapêutica é um processo através do qual uma pessoa tenta conscientemente ajudar uma outra pessoa a aumentar sua capacidade adaptativa”^(20:44), porém, essa interação pode ser dificultada, se o profissional ficar embaraçado no contato com o paciente, não permitindo a abordagem do problema, e, não se abordando a razão da sua estada ali, é possível que não exista interação terapêutica.

Em estudo sobre os fatores geradores de satisfação, insatisfação na prática da enfermagem⁽⁸⁾, encontrou-se que as situações diretamente relacionadas ao paciente, dentre

outras, eram geradoras de satisfação no trabalho. De modo geral, a literatura encontrada indicou que a atividade do cuidar, o relacionar-se com o paciente e acompanhantes estão entre os determinantes geradores de satisfação no trabalho^(6,21).

Diante disso, pergunta-se: por que, em se tratando de pacientes alcoolistas, essa situação se mostra diferente? Se considerarmos a mescla de fatores que envolvem a questão, as respostas poderiam ser muitas, porém, como já mencionado anteriormente, talvez a insegurança esteja relacionada dentre outros: ao pouco conhecimento do assunto, à ausência de treinamentos sobre a problemática, bem como ao preconceito estabelecido socialmente, o que pode influenciar a prática profissional^(9,13,14,22). Talvez esses sejam os principais fatores que levam os enfermeiros a se mostrarem insatisfeitos, quando se relacionam com pacientes alcoolistas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O escore médio encontrado na subescala da pesquisa foi de 17,03 (posição desfavorável), considerado um baixo escore, indicando sentimentos de insatisfação e desconforto do enfermeiro, ao trabalhar com pessoas que têm problemas com a bebida⁽⁸⁾.

Observou-se que os enfermeiros não se sentem bem trabalhando com pacientes alcoolistas, merecendo destaque a análise do item um, onde somente dois enfermeiros, no contingente de 171, demonstraram posição favorável, ao informarem que se sentem bem trabalhando com esse tipo de paciente. Essa questão é reforçada, quando se observam as respostas obtidas para o item dois, onde nenhum dos enfermeiros expressou preferência para trabalhar com pacientes alcoolistas.

O estudo revelou, ainda, que 50% dos enfermeiros não se sentem confortáveis trabalhando com esses pacientes, enquanto 40%

responderam ao item em categorias intermediárias, ou seja, não concordaram, nem discordaram.

No item que avaliou se o enfermeiro sentia-se embaraçado ao falar com o alcoolista, 55% responderam que se sentem embaraçados. Talvez a explicação para esse desconforto esteja no item quatro que mostrou que 45% dos enfermeiros acreditam que seus pacientes ficariam irritados, se eles abordassem a questão sobre o beber excessivo. Podendo-se deduzir então que, na maioria das vezes, o enfermeiro, embora perceba o problema, evite a abordagem por temer a reação do paciente. E ainda, talvez, por temer a própria reação, caso o paciente reaja com agressividade ou irritação. Cuidar de pacientes irritados provavelmente seja algo assustador e embaraçoso para os enfermeiros.

Um achado importante deste estudo refere-se ao fato de que 94% dos profissionais estudados concordam quanto ao fato de que os alcoolistas devem ser tratados no hospital, como qualquer outro doente. Isso pode estar demonstrando uma disposição dos enfermeiros para tratar o alcoolista. Essa conclusão é positiva se comparada com outras que também abordam a questão, em que os profissionais acreditam que o atendimento do alcoolista deveria se dar em um local especial que não o âmbito do hospital^(18,19).

De forma geral, os resultados apontaram que a maioria dos enfermeiros não se sente satisfeita em trabalhar com pacientes alcoolistas. Analisando as respostas dos enfermeiros frente aos itens e considerando a bibliografia existente sobre o tema, pode-se dizer que, dentre os principais fatores que levam à insatisfação, estariam as questões sobre o conhecimento e, conseqüentemente, o preparo profissional para a abordagem do problema. Uma vez que não disponham de preparo suficiente, pode ser esperado que esses profissionais sintam-se insatisfeitos, ao atuarem frente a essa clientela.

Diante dessa evidência, ressaltamos a importância do desenvolvimento de programas referentes ao treinamento desses profissionais envolvidos direta ou indiretamente com a assistência. Reverter essa situação, através de treinamentos e sensibilização das equipes de enfermagem, pode ser um primeiro passo para assegurar uma assistência integral aos pacientes alcoolistas, bem como proporcionar satisfação nos enfermeiros que com eles irão trabalhar.

REFERÊNCIAS

- 1 Laranjeira R. Bases para uma política de tratamento dos problemas relacionados ao álcool e outras drogas no estado de São Paulo. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro 1996 jul/ago;45(4): 191-9.
- 2 Noto AR, Moura YG, Nappo SA, Galduróz JCF, Carlini EA. Internações por transtornos mentais e de comportamento decorrentes de substâncias psicoativas: um estudo epidemiológico nacional do período de 1988 a 1999. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro 2002 mar/abr;51(2):113-21.
- 3 Moura MS. O estudo da satisfação no trabalho e o clima organizacional como fatores contributivos para o ser saudável no trabalho da enfermagem. *Texto & Contexto: Enfermagem*, Florianópolis (SC), 1992 jul/dez;1(2):167-79.
- 4 Dunnett MD, editor. *Handbook of industrial and organizational psychology*. Chicago (IL): Rand McNally; 1976. 260 p.
- 5 Graça L, Sá E. Avaliação da satisfação profissional do pessoal dos centros de saúde da Sub-Região de Saúde de Beja: resultados preliminares. Lisboa: Nortemédico; 1999. Disponível em: URL: <<http://www.terravista.pt/meco/5531/textos140.html>>. Acessado em: 20 mar 2004.
- 6 Dias TA. Fatores determinantes de satisfação nas relações de trabalho entre enfermeiros do Hospital Regional de Cascavel [dissertação de Mestrado]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1999. 124 f.

- 7 Martins MCF. Satisfação no trabalho: elaboração de instrumento e variáveis que afetam a satisfação [dissertação de Mestrado]. Brasília (DF): Universidade de Brasília; 1985. 136 f.
- 8 Seaman J, Mannello T. Nurses' attitudes toward for alcohol and alcoholism: the Seaman Mannello Scale. Arlington (VA): National Institute on Abuse and Alcoholism; 1978. 68 p.
- 9 Bertolote JM. Alcoolismo hoje. 3ª ed. Porto Alegre (RS): Artes Médicas; 1997. 240 p.
- 10 Figlie NB, Pillon SC, Laranjeira RR, Dunn J. O AUDIT identifica a necessidade de interconsulta específica para dependentes do álcool no Hospital Geral? *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro 1997 nov;48(11):589-93.
- 11 Bertolote JM, Lemos NLT. Alcoolismo: sua detecção no Hospital Geral. *Acta Médica*, Porto Alegre (RS) 1983 jul;2(1):290-5.
- 12 Shimid J, Shimid D. Nursing students' attitudes toward alcoholics. *Nursing Research*, New York 1973 May/June;22(3):246-8.
- 13 Gil-Merlos AS. Aceitação e rejeição do alcoolismo: um estudo com alunos de enfermagem [dissertação de Mestrado]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 1985. 63 f.
- 14 Otong DA. Helping the alcoholic patient recover. *American Journal Nursing*, Philadelphia (PA) 1995 Aug;26(4):22-9.
- 15 Zamora M, Zadra CN. Identificação e manejo do paciente alcoolista crônico. *Saúde*, Santa Maria (RS) 1989 jan/set;15(1/2):31-8.
- 16 Almeida LM, Coutinho ESF. O alcoolismo e o hospital geral: estudo de prevalência. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro 1990 jan/fev;39(1):27-31.
- 17 Masur J, Cunha JM, Zwicker AP, Laranjeira RR, Knobel E, Sustovich DR, *et al.* Prevalência de pacientes com indicadores de alcoolismo internados em uma enfermaria de clínica geral: relevância da forma de detecção. *Acta Psiquiátrica y Psicológica da América Latina*, Buenos Aires 1980 sept;26(3):125-30.
- 18 Vargas D, Miron VL. O paciente alcoolista na visão dos trabalhadores de Enfermagem em Hospital geral. In: Programas e resumos do 6º Encontro de Pesquisadores em Saúde Mental, 7º Encontro de Especialistas em Enfermagem Psiquiátrica; 2000 abr 26-30; Ribeirão Preto (SP), Brasil. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2000. 407 p. p. 20.
- 19 Assunção NA. Alcoolismo e ensino de enfermagem: convergências e divergências entre o discurso e a prática. Pelotas (RS): Ed. Universitária UFPel; 2000. 156 p.
- 20 Rodrigues ARF. Enfermagem psiquiátrica: saúde mental: prevenção e intervenção. São Paulo: EPU; 1996. 164 p.
- 21 Cunha KC. Fatores geradores de satisfação e insatisfação na prática de enfermagem: identificação e análise feita por enfermeiros de um hospital de ensino [dissertação de Mestrado]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1987. 142 f.
- 22 Vargas D. Atitudes de enfermeiros de hospital geral frente ao paciente alcoolista [dissertação de Mestrado]. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2001. 114 f.

Endereço do autor/Author's address:

Divane de Vargas
Rua Bernardino de Campos, 491/53
14015-130, Ribeirão Preto, SP
E-mail: devargas@eerp.usp.br
E-mail: devaneerp@hotmail.com

Recebido em: 26/04/2004
Aprovado em: 02/08/2005